

## CULTURA, TRABALHADORES E VIVER URBANO\*

*Helôisa de Faria Cruz\*\**

As reflexões sintetizadas nesta notícia apontam temas e direções de pesquisa que venho desenvolvendo como pesquisadora e orientadora nas linhas de pesquisa Cultura e Trabalho e Cultura e Cidade, desde minha integração, em 1994, no Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC-SP. A adesão à articulação acadêmica proposta para as linhas de pesquisa do Programa, que, desde 1990, com a implantação do Doutorado, definem História Social como a área de concentração e História e Cultura como eixo temático, deu maior organicidade às preocupações teóricas que então orientavam minhas pesquisas individuais. No ambiente de debate que desde os anos 80 buscava redirecionar os estudos históricos no Brasil, ao definir sua área de concentração, o Programa propunha que, sem se deixar limitar por definições de História Social como a História com a política deixada de lado e, para além da proposta da mera renovação temas e objetos, adotar como área de concentração a História Social significava assumir o sentido político da inversão do olhar que colocava ênfase “em outros sujeitos sociais, que não os ‘heróis nacionais’, como capazes de fazer a História, sem transformá-los em novos vilões ou heróis”.

Tratava-se não só de buscar novos temas e problemas, mas propô-los de forma a (re)afirmar a contemporaneidade e a vitalidade crítica da reflexão histórica, entendendo que a operação histórica assim pensada requer, como indica Beatriz Sarlo, um movimento não só retrospectivo, mas fundamentalmente prospectivo. Inverter a lógica daquele olhar tinha como perspectiva política central desenvolver as potencialidades críticas de tais estudos, no sentido em que propõe Raymond Williams quando aponta que a crítica alternativa é eminentemente histórica.

---

\* Comunicação apresentada no XIV Encontro Regional de História, ANPUH – PUC-SP.

\*\* Professora do Departamento de História, PUC-SP.

A criação do Núcleo de Estudos em Cultura, Trabalho e Cidade, em 1996, proporcionou um espaço mais sistematizado de trabalho, tornando oportuno o debate com colegas do Programa, alunos, mestrandos e doutorandos, e outros pesquisadores que desenvolvem perspectivas próximas àquelas que buscava impulsionar. Nos debates empreendidos e nas pesquisas desenvolvidas, vem sendo possível refinar perspectivas teóricas que, no interior da História Social, deslocam-se dos grandes modelos explicativos que põem em destaque as variáveis estruturais dos processos históricos para a experiência social e os modos de viver e trabalhar dos sujeitos históricos. Na formulação do campo reflexão sobre os temas da cidade e do trabalho, as indagações deslocavam-se para o estudo das práticas e das experiências dos sujeitos; do trabalho como categoria abstrata para os trabalhadores, tematizando as experiências sociais de homens, mulheres, jovens, migrantes, negros em diferentes momentos e situações históricas; dos estudos sobre o processo de urbanização para os sobre a cidade e o viver urbano; da industrialização e formação do mercado de trabalho para os modos de trabalhar e sobreviver dos trabalhadores e trabalhadoras bem como das populações empobrecidas em geral.

No campo temático das relações entre Cultura e Trabalho, destacam-se preocupações com os estudos que, colocando em evidência os espaços e modos de trabalhar e as práticas e tradições dos trabalhadores nas cidades, promovem a reflexão crítica sobre os processos que, na atualidade, buscam produzir a invisibilidade social da pobreza e da exclusão e do consenso neoliberal que estabelecem a desigualdade como paradigma do relacionamento social e de organização da dominação. Trata-se de desenvolver a pesquisa sobre os fazeres e os viveres dos trabalhadores, dimensões de sua vida material, suas práticas e modos de trabalhar, suas tradições, crenças e valores, as instituições e organizações políticas da classe, como campo inspirador da crítica àqueles paradigmas. Tais objetivos articulam-se aos desafios colocados pelo mundo do trabalho contemporâneo, que destacam a desindustrialização, a reestruturação dos processos de trabalho e a redefinição de ofícios e profissões e em que a pobreza, a exclusão, a informalidade e a precariedade dos vínculos trabalhistas assumem, ao invés do emprego e do trabalho, a frente do cenário.

Nesses últimos anos, desenvolvi e orientei pesquisas sobre diferentes categorias de trabalhadores urbanos que buscavam contribuir para o desenvolvimento da compreensão de tais questões.

Em momento anterior, num quadro teórico mais circunscrito por perspectivas da História do Trabalho, o estudo sobre experiências dos trabalhadores em serviços na

cidade de São Paulo, no período de 1890 a 1915, já apontava a necessidade de as pesquisas sobre os trabalhadores urbanos buscassem outros focos além da fábrica e do operário fabril.<sup>1</sup> A investigação sobre a experiência de trabalhadores e trabalhadoras, pouco estudados pela historiografia brasileira, tais como empregadas domésticas, cavoqueiros de rua, motoneiros e condutores, carroceiros e carregadores, em diferentes cidades e conjunturas de nossa história republicana, tem demandado a articulação crescente entre as experiências de trabalhar com os modos do viver urbano, desvendando sujeitos, práticas e espaços sociais diferenciados daqueles que se tornam visíveis nos estudos sobre as transformações das cidades brasileiras e da construção da modernidade urbana nesse período histórico.<sup>2</sup> Tem também proporcionado o desenvolvimento da reflexão sobre as condições de informalidade e de precariedade dos contratos e vínculos trabalhistas e as estratégias de sobrevivência dos trabalhadores nessas situações, em outros momentos históricos que não este, hoje vivido, em que, no “economês” vigente, tal precariedade e informalidade aparecem como índices de pujança e modernidade das relações de trabalho. Na atual conjuntura, no quadro delineado pelas indagações propostas por essas pesquisas, o trabalho dito informal e a rua como espaço de trabalho e sobrevivência vêm se impondo como direção instigante de pesquisa. Particularmente destacam-se as preocupações com a história da criança e do jovem pobre nas cidades brasileiras.<sup>3</sup>

O estudo da experiência de trabalhadores que desenvolvem suas atividades nos espaços públicos e no embate mais direto com as instituições de governo da cidade colocou em evidência a cidade dos trabalhadores. Nesse viés, a orientação de pesquisas sobre a história dos estivadores, além do diálogo com a experiência específica desses trabalhadores que, desde a década de 70 e, mais fortemente desde 1993, com a aprovação da chamada lei de modernização dos portos, têm vivenciado a radical transformação de

---

1 H. de F. Cruz. Mercado e polícia – São Paulo – 1890/1915, *Revista Brasileira de História - Instituições*. São Paulo, Marco Zero/ANPUH, vol. 7, nº 14, mar/ago 1987, pp. 115-30; e *Os trabalhadores em serviços: dominação e resistência (São Paulo – 1900/1920)*. São Paulo, Marco Zero/CNPq, 1991.

2 F. D. S. da Costa. *Quando viver ameaça a ordem urbana: trabalhadores urbanos em Manaus (1890/1915)*. Dissertação de mestrado. São Paulo, PUC-SP, 1997. J. da S. Ferreira. *Experiências de trabalhadoras domésticas em Uberlândia*. Projeto de Mestrado, Programa de História, PUC-SP. L. C. Carmo. *Funções de Preto: a experiência de trabalhadores negros em Uberlândia*. Projeto de Mestrado, Programa de História, PUC-SP.

3 G. C. Azevedo. *De Sebastianas e Giovannis: o universo do menor nos processos dos juízes de órfãos da São Paulo (18871-1917)*. Dissertação de mestrado. São Paulo, PUC-SP, 1996. A. D'A. Souza. *Capitães do asfalto*. Dissertação de mestrado. São Paulo, PUC-SP, 1998.

suas relações e tradições de trabalho, tem provocado a reflexão sobre o espaço do porto, sua projeção sobre as cidades e as peculiaridades do viver urbano nas cidades portuárias.<sup>4</sup> Nesses trabalhos, buscando olhar a cidade desde o porto, acompanham-se os processos de transformação do viver urbano sinalizando para os diferentes movimentos e ritmos de homens, mercadorias, costumes e idéias que cada porto propõe à sua cidade.

Na medida em que fazem emergir marcos e periodizações, práticas e territórios e valores e tradições diferentes daqueles instituídos na memória hegemônica sobre os processos de transformação da vida social, no decorrer deste século, tais temas e estratégias de pesquisa sobre os trabalhadores e as cidades, sobre os modos de trabalhar e viver no espaço urbano mostram-se estratégicos no encaminhamento de perspectivas e pretensões que buscam escrever outras histórias sobre o progresso e a modernidade, propondo a visibilidade e a efetividade pública de histórias e memórias alternativas àquelas costuradas pelo elogio e quase deslumbramento da trajetória dos vencedores.

No campo temático proposto pelas relações Cultura e Cidade, saliente-se, ainda, que grande parte das pesquisas por mim desenvolvidas nesta última década tem privilegiado a imprensa paulista e paulistana como objeto de estudo. Nessa trajetória de pesquisa e reflexão, articulando-se as preocupações em dar visibilidade a outras histórias sobre a cidade e o viver urbano, ganham ênfase as indagações sobre a natureza das relações entre cultura letrada, periodismo e vida urbana e sobre os processos de letramento do povo. Minha pesquisa de doutoramento, que teve como objeto um grande conjunto de publicações ilustradas e/ou de variedades que vieram a público na cidade de São Paulo entre os anos 1890 a 1915, analisou o movimento de expansão/transformação dessa imprensa como dimensão importante da constituição do viver urbano naquele momento inicial de intensa agitação e transformação dos sentidos da vida na cidade.<sup>5</sup> O trabalho identificou e problematizou deslocamentos dos sentidos sociais do periodismo e de dimensões da cultura letrada naquela conjuntura. A análise do conjunto rico e disperso de periódicos que a pesquisa reuniu<sup>6</sup>, e que veio a público com confor-

---

4 M. L. U. Pinheiro. *A cidade sob os ombros: trabalho e conflito no porto de Manaus 1889/1925*. Dissertação de mestrado. São Paulo, PUC-SP, 1997. Oliveira, C. A. de. *Quem é do mar não enjoa? Os estivadores na cidade do Rio Grande*. Projeto de doutorado. São Paulo, Programa de História, PUC-SP.

5 H. de F. Cruz. *Na cidade, sobre a cidade: cultura letrada, periodismo e vida urbana – 1890/1915*. Tese de doutoramento em História Social. São Paulo, FFLCH-USP, 1994.

6 H. de F. Cruz (org). *São Paulo em Revista: catálogo de publicações da Imprensa Cultural e de Variedades Paulistana 1870/1930*. São Paulo, CEDIC/Arquivo do Estado/Imprensa Oficial, Coleção Memória, Documentação e Pesquisa n° 4, CEDIC/PUC-SP, 1997.

mações e circuitos de difusão diferentes do jornalismo diário e da editoração de livros, sugeria novos caminhos de pesquisa que, desde então, com um grupo de orientandos, venho explorando.

O movimento de constituição dessa imprensa revelava-se como momento fundamental do processo de transformação das culturas da cidade. Sufocado pelas altas taxas sobre a importação de papel, restrito a públicos de gosto e traquejo letrado, mais avesso aos apelos comerciais e transformadores das novas linguagens como o reclame, a caricatura e a fotografia, até o pós-guerra, o livro manteria seus circuitos tradicionais. Assim, também, o periodismo diário, mais sério e sisudo, voltado majoritariamente para as questões maiores dos negócios e da política institucional, permanecia mais restrito aos ambientes e públicos masculinos dos políticos-doutores-literatos. Na mesma época, as folhas e pequenas revistas de variedades experimentam um verdadeiro *boom*, e, em suas páginas, a cidade intromete-se na imprensa. O crescimento da cidade, a diversificação das atividades econômicas, a ampliação do mercado e o desenvolvimento da vida mundana são incorporados às formas e conteúdos dessas publicações; o processo social que transforma a cidade passa também a configurar esse periodismo. Na construção da modernidade urbana, das novas formas de sociabilidade e sensibilidade, tais publicações, incorporando novas temáticas, personagens e linguagens, ligando-se ao entretenimento, colocam-se como espaços privilegiados para o estudo dos deslocamentos e tensões experimentados pela cultura letrada no período.

Como sugeriu Angel Rama, interessava estudar a cidade das letras como espaço não só de constituição de poderes, mas, principalmente, como espaço de disputa desses poderes na cidade. Mais do que estudar a cultura letrada pelo viés da História Intelectual ou mesmo da História Social da Idéias, que coloca a ênfase no estudo de autores, sistemas e instituições intelectuais e escolas de pensamento, procura-se problematizar os movimentos da cidade das letras em direção aos espaços populares e não hegemônicos, indagando sobre os caminhos do letrado/culto/erudito em direção à oralidade/popular e às tensões e acomodações constituídas nessa relação.

O trabalho com a imprensa de variedades paulistana aponta movimentos dinâmicos pelos quais, no decorrer das primeiras décadas deste século, a cultura letrada “populariza-se”, deslocando-se para terrenos sociais diversificados. A verticalização da pesquisa nesses materiais, tem permitido problematizar os significados sociais das tensões emergentes desse processo de transformação do periodismo em que a escrita, combinada às novas linguagens da modernidade, como a fotografia, a propaganda, a caricatura e

a charge, coloca-se como espaço de construção da hegemonia sobre os terrenos populares, evidenciando a formação de novos grupos produtores e de públicos leitores.

Na estratégia de investigação em que se propõe acompanhar a inscrição do periodismo no tecido da cidade, destacou-se em primeiro lugar o estudo do reclame como espaço privilegiado de afirmação e difusão de práticas e valores do novo horizonte burguês que conforma o viver urbano, em muitas cidades brasileiras, nos momentos iniciais deste século.<sup>7</sup> Aí tornou-se possível refletir sobre a natureza dos diálogos entre a norma culta das escritas impressas com as forças do mercado, do consumo e do entretenimento. Por meio da propaganda, o idioma da metrópole moderna, as novas demandas colocadas pelo mundo das mercadorias, anteriormente quase que totalmente exteriores ao mundo das letras, começam a invadir os conteúdos e as formas de dizer da cultura impressa, afirmando e difundindo, principalmente nas folhas e revistas, um olhar mercantil sobre a cidade.

Muitas das pesquisas que orientei nesses últimos anos buscaram explorar os movimentos sociais da imprensa na cidade.<sup>8</sup> No desenvolvimento dessas pesquisas, preocupados com os processos de transformação dos modos culturais do viver e com a crítica à de conformação de novos focos hegemonia que punham em causa deslocamentos da cultura letrada e a emergência da cultura de massa, um olhar estratégico pôs em destaque dimensões pouco estudadas desse periodismo. Nessa direção, despertou atenção o grande número de pequenas folhas e revistas que, vindas a público com toda pompa e circunstância, “não deram certo” e não passaram do número inaugural. Assim também procurou-se identificar e estudar falas dissidentes e alternativas no interior desse periodismo de variedades, dando visibilidade a movimentos inversos aos dominantes, nos quais a cultura impressa se vê invadida pelos registros populares e pela oralidade do falar das ruas.<sup>9</sup> No interior do jornalismo diário, tem sido interessante explorar as pequenas seções de notícias, de cartas de leitores, de queixas e reclamações, nas quais

---

7 H. de F. Cruz. A cidade do reclame: propaganda e periodismo em São Paulo – 1890/1915, *Projeto História*, 13, São Paulo, EDUC, junho de 1996, pp. 81-92.

8 M. L. U. Pinheiro. *O periodismo no Amazonas – 1900/1930*. Projeto de doutorado, Programa de História, PUC-SP.

9 B. C. Gallota. *O Parafuso: humor e crítica na imprensa paulista – 1915/1921*. Dissertação de mestrado. São Paulo, PUC-SP, 1997.

o periodismo mostra-se mais permeável às vozes de grupos sociais diferentes das elites letradas.<sup>10</sup>

No estudo das publicações e do periodismo importa investigar não só como a cidade das letras se propôs/propõe e se discutiu/discute, mas, principalmente, como ela pensou/pensa o outro, o popular-iletrado, e como formulou/formula diversos projetos e estratégias para o letramento do povo.<sup>11</sup>

Finalmente, cabe apontar que, atualmente, as perspectivas suscitadas por esse conjunto de investigações destacam questões sobre a natureza dos processos de letramento, das experiências históricas do iletramento e das tradições orais que permeiam as culturas populares no Brasil. Debates recentes da cidade letrada sobre temas como fracasso escolar e analfabetismo funcional, bem como o impacto da revelação do filme *Central do Brasil* sobre o peso e a importância da carta e dos “missivistas” nos circuitos sociais de comunicação nos ambientes populares, indicam a relevância e a atualidade dos estudos sobre as relações entre a cultura letrada e os territórios da oralidade, pondo em destaque a necessidade de estudos históricos sobre a experiência do analfabetismo em nossa sociedade. Indicam também nossas dificuldades teóricas e práticas em adentrar os espaços do iletramento e problematizar a experiência do ser iletrado. Buscando explorar o campo de reflexão delineado por essa temática, começo a explorar algumas direções de pesquisa sobre: as imagens do iletramento e dos iletrados constituídas nas disputas pela conquista de novos públicos leitores travadas entre as diferentes publicações, de variedades, de humor, acadêmicas e culturais, da imprensa operária e dissidente; os diferentes projetos para o letramento do povo que ganham visibilidade em momentos mais articulados, como os congressos e campanhas sobre o analfabetismo bem como outros materiais mais cotidianos como diferentes cartilhas e materiais para a alfabetização de grande difusão no período; e a constituição, para além da escola e dos movimentos institucionais, de circuitos informais de letramento e de formação de leitores cujos indícios oferecidos pelos materiais impressos poderão ser perseguidos, com o auxílio da História Oral, em memórias do iletramento.

---

10 L. F. Balcão. *A cidade das reclamações*. Dissertação de mestrado. São Paulo, PUC-SP, 1998.

11 R. N. Dantas. *A Revista do Brasil e os Homens Bandeiras: construindo a unidade lingüística nacional 1916/1925*. Dissertação de mestrado. São Paulo, PUC-SP, 1997.